

Impacto Científico – Qual a Nossa Realidade?

JOÃO M. VIDEIRA AMARAL, LUÍS PEREIRA DA SILVA

*Clínica Universitária de Pediatria
Hospital de Dona Estefânia – Lisboa*

Scientific Impact – What is Our Reality?

Graças ao recente acordo estabelecido entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e o *Institute for Scientific Information* será possível, muito em breve, que a comunidade de investigadores portugueses tenha acesso *on-line* às bases bibliográficas de dados de referência internacional, designadamente o *Science Citation Index*, o *Social Sciences Citation Index*, o *Arts and Humanities Citation Index* e os *Current Contents* (www.oct.mct.pt). Qual o interesse desta facilidade de acesso, para nós, clínicos? A resposta é inequívoca: inestimável.

Os pediatras portugueses têm sido, desde sempre, uma referência a nível assistencial. Relativamente à actividade científica, têm difundido, a sua experiência e os seus estudos de diversa índole sob a forma de comunicações ou publicações. No entanto, a investigação clínica tem sido exígua, nomeadamente onde se esperaria que esta fosse pujante – nos hospitais centrais e nos ligados às universidades^(1, 2).

Como é do senso comum, a investigação clínica deve ser planeada numa perspectiva de serviço aos cidadãos para resolução dos seus problemas, conduzida por critérios adequados para que seja bem sucedida, e o seu resultado publicado para que tenha utilidade à comunidade científica⁽³⁾. Por outras palavras, um bom trabalho de investigação deve cumprir critérios internacionalmente

reconhecidos para que seja credível, ter nível para ser aceite em edições de prestígio internacional e, idealmente, ter impacto científico. Este último requisito é medido pelo número de citações de determinado artigo na bibliografia internacional e representa uma característica de excelência que distingue os trabalhos que suscitam realmente mais interesse. Numa lógica de economia de mercado, o impacto científico, um indicador de produção científica⁽¹⁾, reflecte a procura e poderá justificar os recursos humanos e económicos despendidos na investigação^(1, 4).

Por outro lado, os editores das revistas científicas não se poupam a esforços para que os artigos publicados nas páginas das suas edições sejam amplamente citados por outros autores. Muitos adoptam a estratégia de publicar em cada número muitos artigos curtos que suscitem interesse a uma plateia alargada, em detrimento de manuscritos extensos, mesmo com grande originalidade e fruto de investigação aturada, mas com um espectro de interesse mais limitado^(4, 5). Actualmente, parte do prestígio e cotação duma revista assenta em indicadores bibliométricos, entre os quais o impacto científico^(4, 5). Em Portugal, contam-se pelos dedos as chamadas revistas médicas indexadas em bases de dados reconhecidas. A título de exemplo, das cerca das 130 revistas médicas portuguesas registadas, apenas duas figuram na *Medline* e nenhuma no *Science Citation Index*. Acresce a particularidade de os textos não serem em língua inglesa, exceptuando os títulos e os *abstracts*. Um artigo publicado numa revista nacional terá, pois, pouca hipótese de chegar ao conhecimento da comunidade científica internacional, de poder suscitar interesse e de ser citado. Pelo contrário, será mais fácil para um autor português que o seu trabalho obtenha impacto se for apelativo e o submeter à publicação (e conseguir que seja aceite...) numa revista indexada e de língua inglesa.

Correspondência: João M. Videira Amaral
Clínica Universitária de Pediatria
Hospital de Dona Estefânia
Rua Jacinta Marto
1145-069 Lisboa
E-mail: jmvamaral@mail.telepac.pt

Na era da informática e de fácil acesso à *internet*, estará a curto prazo disponível de modo gratuito, em algumas das nossas instituições, a consulta *on-line* das bases bibliográficas de dados de referência atrás mencionadas. Será então possível avaliar o impacto científico de determinado autor, grupo de trabalho, revista científica, instituição ou país. É uma medida que deveria ser considerada por quem tem a obrigação de investigar e bem-vinda para quem se preocupa em aferir a sua actividade. Ter impacto científico implica, não só, o mérito de ver publicado determinado trabalho numa edição internacionalmente reconhecida, mas também a comprovação de que o mesmo tem interesse, porque é «consumido». Ter impacto, enfim, corresponde ao reconhecimento da qualidade da produção científica, uma excelente forma de aferir a desejável evolução para a modernidade, acompa-

nhando outros países com o estatuto de maioria no campo da produção científica.

Bibliografia

1. Coutinho A. O interesse da investigação clínica na actividade dos hospitais. In: *1.º Ciclo de Conferências 1997/1998 – Fórum de Lisboa da Administração da Saúde*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1998: 77-95.
2. Pereira da Silva L. Provimento nos hospitais centrais e universitários portugueses – forte penalização para quem investiga (Carta ao Director). *Acta Med Port* 2001; 14: 537-8.
3. Videira Amaral JM. Formação e investigação – Que soluções? (Editorial). *Acta Pediatr Port* 2001; 32: V-VI.
4. Dios JG, Moya M, Hernández MAM. Indicadores bibliométricos: Características y limitaciones en el análisis de la actividad científica. *An Esp Pediatr* 1997; 47: 235-44.
5. Ritz E. The future of medical journals – thoughts of an editor emeritus [Editorial]. *Rev Port Nefrol Hipert* 2000; 14: 97-100.